o percurso conceitual de uma análise na histeria

ELISABETH DA ROCHA MIRANDA

A PSICANÁLISE NASCEU DO ENCONTRO de Freud com as histéricas ou, mais precisamente, com as histéricas que se tornaram famosas por seus sintomas espetaculares. Hoje podemos dizer que a histeria se apresenta nas novas formas dos sintomas, produzidos pelo que falha no saber da ciência, e que, situados nessa falha, cumprem sua função de denúncia. Mas, ainda assim, a afirmação de que o "inconsciente só é atestado claramente no discurso da histérica"[1] permanece inalterável. O discurso é uma conciliação específica dos gozos em uma sociedade, uma ordem com a qual cada época regula os modos de gozo e também sua coexistência; é uma forma de laço social que visa a barrar, ordenar e comandar o gozo. Na conferência de Roma chamada *A terceira*, Lacan se refere ao sintoma como o que provém do real, interfere, opõe-se e objeta à conformidade do ser social. Se o sintoma oferece objeção à conformidade do ser social é pelo que tem de gozo. Marca singular do sujeito, o sintoma se revela nas entrelinhas do discurso que, de alguma forma, enquadra-se nos moldes da moral civilizada de cada época. Assim, nos autorizamos a dizer que o discurso em Lacan é a civilização em Freud, civilização que traz, necessariamente, um mal-estar causado pelo singular do sintoma de cada um. Os quatros discursos – do mestre, do analista, da universidade e da histérica –, como foram estabelecidos por Lacan, revelam a impossibilidade do encontro com o Outro sexo, não há relação sexual. O desencontro entre os sexos é a marca introduzida pelo significante, indicando que algo só está lá onde verdadeiramente não está. É isso a que particularmente o discurso da histérica se dedica. Discurso que não é privilégio do feminino, porque todo sujeito que se analisa está nesse discurso. Essa é a regra do jogo, estar no discurso que se ordena e se situa em torno do sintoma. O sujeito dividido pelo sintoma se dirige ao outro, ao mestre, como enigma a ser decifrado, pondo esse outro a trabalhar, animado pelo desejo de saber.

[1] Lacan. *Televisão* (1974/1993, p.30)

Em 1910, Freud avalia sua técnica e estabelece mudanças. Ele observa que "no início o tratamento analítico era inexorável e exaustivo. O doente tinha que dizer tudo de si e a atividade do médico consistia em pressioná-lo incessantemente"[2]. No entanto as histéricas se recusavam a entregar seu saber quando

[2] Freud. Las perspectivas futuras de la terapia psicoanalítica (1910/1986, p.133)

ele se comportava como o mestre que exige a confissão. A histérica não responde à comunicação do lugar de escrava, não situa o saber no lugar do Outro trabalhando para o mestre. Em 1970, Lacan diz que "a histérica é o inconsciente em exercício, que põe o mestre contra a parede para produzir saber".[3] É ele, o mestre quem tem de produzir saber sobre o desejo inconsciente e sobre a posição do sujeito em relação ao gozo. A esse respeito, Freud disse que a tarefa imposta pela histérica é mais amável, formulando uma nova técnica que se compõe de duas partes: uma daquilo "que o médico advinha e comunica ao doente e outra da elaboração do que o doente lhe comunicou"[4].

[3] Lacan. Radiofonia (1970, p.89)

[4] Freud. Las perspectivas futuras de la terapia psicoanalítica (*op. cit.*, p.133-4).

Contudo a histérica se encontra barrada quanto ao desejo, uma vez que se identifica ao desejo do Outro. Ela entra no laço social pela via da identificação ao desejo do Outro, é assim que o discurso histérico faz laço. Lembremos o exemplo que Freud nos deu com o sonho da Bela Açougueira. É pela via da identificação ao desejo da outra, ou seja, identificada a esse falo que se apresenta desvelado na forma de uma peça de salmão defumado, que o sujeito se dirige ao Outro e revela seu desejo. O sujeito histérico não se coloca como sintoma, porque se interessa pelo sintoma do Outro, pelo gozo que o desejo do Outro indica, mas subtraindo-se a ele. Interessa-se pelo objeto passando pela mediação do homem, mas furtando-se a ele. Trata-se do impossível encontro com a onipotência fálica que ela almeja como resposta ao gozo feminino como causa e razão do desejo. Isso se deve ao fato de que o falo, para o sujeito histérico, não passa de um disfarce, um semblante, porque sua verdadeira causa está na falta. Em seu texto A subversão do sujeito e a dialética do desejo[5], Lacan coloca a histérica como objeto da fantasia, mas que se subtrai a esse lugar de objeto. Há uma recusa em consentir a essa posição fantasmática, está ali de maneira pesarosa. O histérico é o sujeito que se apresenta como objeto que se subtrai, é um sujeito sem fé, um sujeito devotado a tornar presente a falta. A identificação histérica corresponderia ao tempo da constituição do sujeito em que ele é identificado ao objeto *a* como causa do desejo do Outro. Com sua subtração, produz um vazio no Outro e provoca a produção, fazendo emergir a falta no Outro. A falta constitutiva do sujeito a histérica obtura com outra falta. Assim, é a falta de desejo o que vem no lugar do objeto.

[5] Lacan. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1958/1998)

Situada no lugar da falta de um significante no Outro, sua angústia vem de que aí se possa produzir certo gozo. Esse gozo muitas vezes é colocado do lado da mãe, que na análise

mais cedo ou mais tarde aparece como figura terrorífera, de um Outro que supõe querer gozar dela. Observam-se traços paranóicos quando o sujeito se vê confrontado com esse Outro gozador, circunstância em que a histérica ocupa o lugar de objeto, como desenvolveremos adiante. Em contrapartida, quando o gozo aparece no sujeito em questão o que se produz é horror ou asco por seu próprio corpo. O asco é uma vertente do desejo que surge quando o sujeito histérico se vê confrontado com o parceiro sexual que se apresenta como pedaço de carne, ou seja, dessexualizado[6]. A histérica sustenta a posição de certo esvaziamento de gozo que não se simboliza no falo. Entretanto isso não a impede de fazer laço social, pois ela está sempre pronta a *tychê*, ao encontro, ainda que para registrar que ele é sempre faltoso.

[6] Lacan. *O seminário - livro 11: quatros conceitos fundamentais da psicanálise (1963-1964)* (1988, p.163).

Na histeria trata-se não de gozar, mas de fazer desejar com referência ao Outro. Fazer-se desejar tem como correlato fazer falar, mais que falar. Eis a origem do famoso casal, o silencioso e aquela que o estimula a falar. Nesse casal temos a histérica, que subtrai a falta no Outro mantendo-o onipotente, e o obsessivo, que subtrai a falta no próprio sujeito.

É sob transferência que ela aspira a fazer desejar, a sustentar o desejo do Outro. Na associação livre, ela propõe a alienação de seu desejo na palavra, sustentando o desejo do Outro, sob o modo de identificação, e não sob o modo da resposta fantasmática. A expectativa da histérica permanece, porque a interpretação é um saber que adquire valor de verdade, e não um saber sobre o valor da histérica como objeto do desejo. O saber não responde ao objeto de desejo. A histérica não busca a satisfação do desejo, mas o gozo mais além do desejo do pai.

No texto *Fragmento de um caso de histeria*[7], Freud relata que a famosa Dora, diante de seu entusiasmo, diz: "Não vejo que haja revelado nada de particular". Particular aí é o gozo velado. Dora deprecia o entusiasmo de Freud e tem certo asco do gozo fálico que o Sr. K. lhe oferece. De seu gozo o mestre nada sabe. Ela está interessada pelos significantes do Outro, de seu pai, e se os oferece a Freud é para em troca saber do gozo que eles aí introduziriam. Quer saber que gozo obtém seu pai da Sra. K., ou seja, o que é uma mulher para um homem, é a eterna demanda "diz para mim o que sou para ti". Isso se observa em suas interrogações suscitadas pela curiosidade sexual, que satisfaz no além do pai, no dicionário. A verdade de que goza é a verdade do gozo suposto ao pai. A Sra. K., que a iniciou em um saber sobre o sexo, também mais além do pai, conservaria,

[7] Freud. Fragmento de um caso de histeria (1905/1986)

a seus olhos, o segredo da relação sexual. Lacan nos diz que, se a histérica sustenta o desejo do pai na transferência, não cessa de verificar que "o significante não está feito para a relação sexual".

A histérica faz de sua vida o incessante enigma do desejo. Sua palavra se reduz à pergunta sobre o gozo que sua insatisfação e seu sofrimento alimentam.

Dora denuncia que o pai já entra no discurso do mestre como castrado. O motivo da doença, nos diz Freud, é realizar certo benefício. Dora cai doente para conseguir que seu pai elegesse entre ela ou a Sra. K. Trata-se de um *ou eu ou ela.*

Ao *não há relação sexual*, o neurótico responde com a degradação da vida amorosa. A neurose é correlativa de uma defesa do sujeito. Freud nos diz que o sintoma é a presença de uma pulsão que não pode ser sublimada nem assumida pelo sujeito. A defesa neurótica consiste em privilegiar a dimensão do desejo como barreira de gozo. A estratégia do desejo na histeria é a insatisfação na qual se sustenta o desejo. É assim que o parceiro, aquele que ocupa o lugar de objeto, é sempre negado, porque nunca é suficientemente adequado. Em nome do objeto absoluto com que sonha, só promove seus objetos como recusados. Mas a histérica feminina concilia a exigência da presença do objeto e sua recusa pela via do amor. Em relação ao objeto, ela se furta, se mantém em outro lugar. Escapa do encontro, se mantém *com a cabeça em outro lugar.* O sujeito histérico se ausenta ali onde está o gozo, não é ele, é o Outro. Lembramos que Freud descobriu primeiro a fantasia como sedução, em que o histérico era o seduzido. Resistindo, negando-se a verificar o objeto que a causa, mantém-se em uma interminável investigação. Há sempre mais um significante para dizer o objeto precioso que ela é para o outro.

No discurso da histérica, o sujeito dividido ocupa o lugar de agente, o lugar de onde se ordena, é o que vemos representado na flecha dirigida até o S_1 do amo. A histérica coloca sua divisão no lugar do semblante, e sua verdade não é a divisão do sujeito, mas o objeto *a* mais de gozar. O discurso em que a divisão do sujeito dá a verdade é o discurso do mestre.

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

Figura 1: discurso da histérica[8]

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$$

Figura 2: discurso do analista[9]

[8] Lacan. *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise (1979-1970)* (1992, p.37).

[9] *Ibid.*

A histérica insiste em que as coisas não andem, a exibição frenética ou indiferente de sua incompletude, de suas culpas, fazem suspeito seu não-saber quando fabrica saber.

A verdade da castração à qual faz reverência não a concerne verdadeiramente porque não se trata de sua castração: ela faz a mostração da falta, da castração, porque esta concerne ao Outro, à verdade do pai.

Para construir um saber sobre a verdade do gozo, os significantes não bastam, outro suporte é necessário, é aqui que vem se colocar o objeto. O objeto *a* conserva para a histérica demasiada consistência real, é o que vemos em suas reminiscências, recordações de não ter sido mais que um resto de real, recortado pelo significante. O enlouquecimento ou o horror pela proximidade do objeto podem levar a histérica a uma fenomenologia que a assemelhará a uma psicose. No discurso da histérica, o objeto *a* não se apresenta ao sujeito como semblante, pois o lugar está ocupado pelo sujeito, o que dificulta a articulação fantasmática, e a histérica vive os dissabores da repetição produzindo mais e ainda mais saber, impotente para recuperar um pouco de gozo no inconsciente. Permanecendo errante nas vicissitudes da pulsão acéfala, não encontra o objeto que venha deter a indeterminação do sujeito alienado à demanda do Outro, demanda que substitui o objeto *a* em sua fantasia. Assim, "a insatisfação histérica é articulada ao gozo absoluto que ela mantém no horizonte como possível", mas que, paradoxalmente, é "sempre negado"[10]. Em relação a esse gozo absoluto, toda satisfação se mantém desvalorizada, tornando-se insatisfatória, e como o gozo absoluto não pode ser alcançado, a histérica se recusa a qualquer outro, preferindo a privação. O desejo e o gozo não são da mesma ordem: o desejo está do lado do Outro do significante e o gozo do lado da Coisa como esvaziada de gozo[11]. O amor é o que vem dar conta da hiância entre desejo e gozo, como diz Lacan, "só o amor permite condescender ao desejo"[12]. Para a histérica, a condição do amor nunca parece ser cumprida, o que a torna resistente em sua recusa a que o gozo ceda ao desejo.

Não há discurso que não seja do semblante. O destino da histericização do discurso em uma análise é o giro de quarto de volta do discurso da histérica para o discurso do analista. Do desejo como objeto falta, passa ao desejo como causa de desejo. O analista, para promover esse giro, situa-se como objeto no lugar de semblante e interroga a verdade no lugar do saber.

O novo discurso que emerge como discurso da análise tem como ponto de partida a função do significante bem longe de seus efeitos de significado.

[10] Lacan. *O seminário: De um Outro ao outro (1969)* (Inédito: aula de 21 de maio de 1969)

[11] Lacan. Do 'trieb' de Freud e do desejo do analista (1964/1988)

[12] Lacan. *O seminário – livro 20: Mais, ainda (1972-1973)* (1982).

No discurso do analista, o *a*, objeto causa de desejo, se escreve em cima à esquerda e se sustenta pelo saber S_2, pelo saber no que ele está no lugar da verdade. É daí que ele interpela o $\not S$, sujeito dividido, para que ele produza os S_1, significantes mestres que o determinam e pelos quais possa resolver sua relação com a verdade de seu gozo.

O enigma que a histérica sustenta se apresentando como sujeito dividido sustentado pelo objeto *a* mais de gozar no lugar da verdade que ela vela passa, pelo quarto de giro, para o discurso do analista, para o enigma provocado pelo analista como semblante de objeto causa de desejo para um outro.

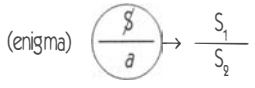


Figura 3: discurso da histérica

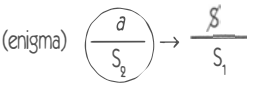


Figura 4: discurso do analista

O fim de análise na histeria consiste em passar da histeria à feminilidade, ou seja, funcionar do lado feminino das fórmulas da sexuação, estar apta a presentificar o objeto *a* na fantasia de um homem. Saber haver-se com o falo como semblante, passar da posição em que se interessa pelo sintoma de um outro para a aceitação de ser o sintoma de um homem, uma vez que o sintoma é aquilo que faz as vezes da não-relação sexual. O sujeito histérico tem de renunciar à própria renúncia, passando da impotência ao impossível.

O fim da análise promove um saber que se sustenta em um saber vivenciado na relação com o outro no que essa relação comporta de impossível. É preciso ressaltar que essa renúncia de um saber totalizado não é análoga à dedicação à verdade da falta. A transmissão passa a ser de um saber que sofreu uma formalização, e não de um saber ligado à verdade última que ele desvelaria. É mais fácil para a mulher se prestar ao Outro, algo bem vizinho, bem análogo à posição do analista. É o que se formula com a expressão fazer semblante de objeto, que não significa aparentar sê-lo, mas encarná-lo, suportar-lhe a presença e fazer dele um imperativo, quando se trata de um analista. Mas fazer-se de semblante de objeto não implica identificar-se com o objeto. É mesmo ao contrário: identificar-se ao objeto causa de desejo seria o que faria obstáculo a que o analista opere convenientemente. É pelo efeito de real da inter-

pretação, efeito de subversão topológica, que se produz uma mudança de posição do sujeito, como sujeito assujeitado à palavra. É esse o aspecto da interpretação que condiciona o fim de análise e produz um sujeito assegurado de saber. Saber assegurado é aquele que diz respeito à verdade como gozo[13]. O que emerge é a presentificação de uma falta real que vai então funcionar como causa de desejo. No discurso do analista, é isso que propicia alguém suportar a suposição de saber que lhe é atribuída pelo analisante.

[13] Lacan. L'Etourdit (1973)

Poderíamos dizer que, se o desejo de analista advém ao fim da análise de um sujeito histérico, ele revela também a passagem da exigência de um gozo absoluto promovido pelo objeto que aí causava horror para a assunção do impossível denotado pela falta radical. Afinal, o objeto é desde sempre perdido, desde sempre semblante.

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1905) Fragmento de um caso de histeria. In: *Sigmund Freud obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. Vol. VII.

FREUD, Sigmund. (1910) Las perspectivas futuras de la terapia psicoanalítica In: *Sigmund Freud obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. Vol. XI.

LACAN, Jacques. (1958) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 11: Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise (1963-1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, Jacques. Do 'trieb' de Freud e do desejo do analista. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário: De um Outro ao outro (1969)*: aula de 21 de maio de 1969. Inédito.

LACAN, Jacques. Radiofonia. *Silicet*. Paris, n. 2/3, 1970.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 20: Mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

LACAN, Jacques. L'Etourdit. *Silicet*. Paris, n. 4, 1973.

LACAN, Jacques. (1974) *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

resumo

Este trabalho pretende apresentar uma reflexão sobre o percurso possível em análise de um sujeito histérico. Percurso que estabelece a passagem da posição fantasmática da histérica, posição em que o objeto *a* mantém um excesso de consistência – o que vemos em suas recordações e reminiscências –, à assunção do impossível determinado pela falta radical. Ou ainda passagem da exigência de um gozo absoluto promovido pelo objeto que aí causa horror para o objeto que causa o desejo para um outro; do discurso histérico para o discurso do analista.

abstract

This work intends to introduce a reflection about a possible way in analysis of a hysteric subject. This analysis establishes the passage of the phantasm position of hysteric, position in which the object *a* maintains na excess of consistency – what we see in her remembrances and reminiscenses – the impossible assumption determined by the *radical* fault. Passage of the exigence of absolute enjoyment promoted by the object *a* that causa horror, for the object that cause the desire for the other; from the discourse of the master to the discourse of the analyst.